

Cultura e diversidade na formação social do oeste catarinense

Silvana Vieda Hermes

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul
silvanahermes@gmail.com

Introdução

A Cultura é a base estrutural do ser humano dotado de interações sociais, é através dela que nos organizamos e buscamos solucionar problemas sociais. Essa mesma cultura, às vezes não se torna igualitária e harmônica, a diversidade cultural existente leva a ideologias, manifestações, organizações e produções específicas de cada grupo, se destacando o conhecimento, a moral, os costumes, os hábitos, as artes, as crenças, as leis e as aptidões que o ser humano adquire em seu meio familiar e na sociedade a qual está inserido. Diversas são as formas de se expressar culturalmente, a tradição de um povo é forte e em contato com outras culturas, em outros espaços também se reconstrói, se reinventa e se torna nova. Unida a ideia de cultura e fazendo parte de todas as suas premissas, está a memória, uma das responsáveis pelos laços de identidade de um povo, de um grupo ou de uma nação. A memória está ligada diretamente às lembranças desses grupos, associada às suas vivências, pois os laços afetivos são os pilares principais que dão a esses respectivos grupos a ideia de pertencimento social.

Em História e Memória (1998 p. 42) Loiva Otero Félix nos mostra a relação da memória estar ligada à identidade, “a identidade pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo”.

Nas considerações de Brancher (2001) é realizada uma análise da história de Santa Catarina no século XIX, contextualizando a chegada dos alemães nesta região e a construção de colônias nas terras do Estado. Assim como também é realizada uma arguição das tradições trazidas por eles da Europa e suas organizações festivas nas novas terras onde habitavam. Acerca da comunicação a autora chama a atenção dizendo que:

O idioma alemão criava a fronteira simbólica entre os imigrantes e seus descendentes e os “outros”, enquanto o valor do trabalho e as regras de civilidade funcionavam como critérios para produzir a desqualificação dos descendentes de portugueses, dos xokleng e outros. (Brancher, 2001, p. 48)

Pode-se entender quão forte era a cultura desses imigrantes, que traziam em suas bagagens tamanha força e coragem para enfrentar o novo mundo. Todas essas raízes culturais são frutos das memórias trazidas, das lembranças do que viveram em seu país. Em História e Memória de Jacques Le Goff podemos ter uma ideia de memória como algo que faz parte do ser humano desde seus primeiros passos, qual é o valor que devemos dar a essas memórias? Le Goff (p. 469) diz que a memória coletiva seria um dos principais avanços das sociedades mais desenvolvidas ou que estão em desenvolvimento.

As tradições étnicas são estabelecidas a partir da convivência do grupo que está inserido naquele contexto ou naquelas lembranças, sejam elas de agora ou de algo vivido no passado, lembranças que começam a fazer parte para que o grupo não perca seu rumo, não esmoreça frente às dificuldades encontradas e passem a ter em suas memórias coletivas um motivo para seguir em frente e começar de novo sem deixar para trás, além de sua casa, seus pertences e seus familiares, a sua cultura, a sua língua materna, os seus hábitos rotineiros, os quais irão auxiliar na sua sobrevivência. Essa memória coletiva será a identidade desse grupo.

Ainda nas considerações de Le Goff a memória coletiva de um povo ou de um grupo passa de uma conquista trazida a um instrumento ou um objeto de poder. Assim Le Goff nos chama a atenção:

A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (Le Goff, 2003, p. 471).

Os estudos da história de Santa Catarina também nos ajudam a entender as dificuldades e as mudanças ocorridas nesta região para a sobrevivência da população que aqui habitava ou que já havia se instalado para iniciar uma nova vida.

Bavaresco (2005, p. 79) chama a atenção para o aumento significativo de vilas no Extremo Oeste que foram formadas por Alemães e Italianos oriundos principalmente das colônias do Rio Grande do Sul e que traziam em suas carroças todos os seus pertences e a família que seria a base para construir um futuro próspero nas terras de solos férteis que haviam adquirido.

Enfatizando assim os moldes familiares, formando-se uma agricultura familiar. Essas famílias que se fixaram na região foram construindo uma comunidade. Bonamigo et al. (2014, p. 158) em História abordagens culturais e poder nos apresenta a definição de comunidade,

com uma estrutura organizacional muito elevada, essas famílias que faziam parte desta comunidade passaram a desempenhar papel fundamental nas relações sociais destes grupos, que constroem na comunidade diferentes espaços para que todos possam se encontrar e dialogar, permitindo aos colonos também exercerem lideranças na comunidade, fatos esses em que suas memórias e suas tradições sejam radicadas com mais influência, contribuindo para uma formação cultural do Estado de Santa Catarina.

A Colonização da cidade de São Lourenço do Oeste levou a muitos interesses particulares, diversos foram os colonos que foram trazidos pelas colonizadoras, os quais vinham em busca de prosperidade.

Mesmo antes de 1900 a localidade já era habitada por caboclos, era rota de tropeiros, aventureiros, exploradores e comerciantes de erva mate. As picadas e picadões abertos na mata eram as passagens que levavam as rotas comerciais que passavam e direcionavam-se de Palmas no Paraná chegando até Barracão na Argentina. As rotas percorridas saíam de Clevelândia no PR, passando por São Lourenço Velho (Frederico Wastner) e se direcionando a Campo Erê para assim chegar a Barracão na Argentina.

Segundo João David Folador em História de São Lourenço do Oeste:

Saindo também de Palmas, ocorreram, a partir de 1900, “expedições oficiais de abertura de estradas”, seguindo o mesmo trajeto. Uma delas fez paradeiro na localidade hoje denominada Frederico Wastner, à margem do riacho ali alcançado, ao qual foi dado o nome de São Lourenço, por que foi no dia deste santo que se verificou a “pousada”, segundo contam os mais antigos moradores do lugar.(João David Folador, 1988, p. 37)

Muitos foram os caboclos que habitaram a região e abandonaram ou venderam seus ranchos para outros caboclos que chegavam. Em 1948 veio para São Lourenço, Agenor Bento, neto de Manoel Bento, fiscal de estradas, o qual exercia a função de zelador de terras de Ernesto Bertaso. Junto com Agenor veio Ernesto Beuter, agrimensor contratado pela colonizadora Bertaso e a colonizadora Saudades, a responsável em fazer a colonização da região, fixaram-se em um acampamento provisório e assim deram início a abertura de “ruas e avenidas”, tiveram o auxílio de alguns caboclos que moravam nas redondezas.

O próximo passo foi construir o barracão da Empresa Saudades, o qual abrigaria de início os primeiros colonos oriundos do Rio Grande do Sul e do litoral Catarinense para então começar a efetiva colonização de São Lourenço do Oeste.

VII HISTÓRIA EM DEBATE

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL NATUREZAS E FRONTEIRAS
E VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPGH/UFS
ISSN 2675-0635

O barracão era o centro da povoação que se iniciava. Nele moravam os peões da Empresa Saudades e aí se instalaram os primeiros colonizadores. Tinha espaço para abrigar 10 famílias. Era ao mesmo tempo hotel, hospital, farmácia e casa comercial. (João David Folador, 1988, p. 40).

Também foram abertas estradas que ligavam São Lourenço ao Estado do Paraná, mais precisamente à cidade de Vitorino, com toda a dificuldade da época e a distância da cidade de Chapecó da qual São Lourenço tornou-se distrito em 1952 fez com que a relação comercial acontecesse com o estado fronteiriço, paraná.

Antes da denominação São Lourenço do Oeste, vários foram os nomes dados a região até ser oficializado o nome atual. O primeiro foi Catanduva, uma das vegetações predominantes da região, o nome foi dado pelos caboclos que aqui residiam, com a chegada da colonizadora Saudades o nome foi mudado para Bracatinga, árvore abundante na região e que dessa madeira foi construído o barracão da empresa, nesta época a vila pertencia ao distrito de Campo Erê.

Dos colonos que chegaram para colonizar e fixar moradia na vila Bracatinga estão diversos descendentes e imigrantes de italianos, descendentes de alemães na grande maioria vindos do estado vizinho do Rio Grande do Sul e do litoral catarinense. Colonos que vão aos poucos transformando o Habitat em um povoado, uma vila, uma comunidade, até tornar-se um distrito, uma cidade, um município que cresce e prospera. Colonos que trazem em suas bagagens muito de sua cultura, mas que também aprendem e trocam conhecimentos com os demais que não têm os mesmos hábitos, as mesmas ideias. A diversidade prevalece, as línguas maternas são destaque entre os colonizadores descendentes de europeus, sejam italianos ou alemães, as tradições estão em seu dia a dia, o modo e a forma de organização familiar são traços fortes que auxiliam para o crescimento e desenvolvimento desse povo lourenciano.

Metodologia

O presente trabalho tem como objetivo investigar o processo de colonização, a diversidade étnica e cultural da sociedade do Oeste de Santa Catarina, mais especificamente na cidade de São Lourenço do Oeste, buscando informações bibliográficas, dados estatísticos de órgãos públicos, entre outros, que possam auxiliar na busca de dados para entender o tema proposto e entrevistas aos moradores da região.

Resultados

A presente pesquisa busca contextualizar a colonização dos descendentes alemães no município de São Lourenço do Oeste e suas relações com os demais grupos que já habitavam a região, seus mais diversos traços culturais, tradicionais, suas memórias, hábitos, crenças que vão ao longo dos tempos ganhando ênfase e se destacando no município.

Conclusão

A presente pesquisa ainda está em sua fase inicial, procura descrever e compreender as experiências, comportamentos e percepções dos indivíduos através de coletas de dados como entrevistas, observações, análise de acervos bibliográficos e de documentos. Procura entender as complexidades e as variações dos fenômenos culturais, sociais, étnicos e tradicionais, buscando informações mais detalhadas, fazendo o levantamento de dados e referências capazes de agregar novos conhecimentos ao tema, podendo contribuir com novas pesquisas a serem desenvolvidas.

Referências bibliográficas

BAVARESCO, Paulo R. **Ciclos Econômicos Regionais modernização e empobrecimento no Extremo Oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2005.

BONAMIGO, Carlos A. (et al). **História, abordagens culturais e poder**. Francisco Beltrão: Ed. Jornal de Beltrão S/A. 2014.

BRANCHER, Ana (org.). **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. 2ª Ed. Florianópolis: Obra jurídicas LTDA, 2000.

BRANCHER, Ana, AREND, Silvia Ma Fávero (orgs.). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2001.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FOLADOR, João David. **História de São Lourenço do Oeste e do Oeste Catarinense**. São Lourenço do Oeste: Tipografia Cruzeiro LTDA, 1988.

HERMANN, Éderson; LESSA, Kalu Moraes; KROMBAUER, Nelí Bastezini. **São Lourenço do Oeste em Memórias/Câmara de Vereadores de São Lourenço do Oeste**. São Paulo: Eireli EPP, 2018.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas SP: Ed. UNICAMP, 2003.